

Os grandes desafios da “Nova República”

WASHINGTON — Num estudo de quase 50 páginas, intitulado “Brasil: Um Guia da Nova República”, a International Reports Inc., uma subsidiária do jornal *Financial Times*, de Londres, especializada em análise de risco político e financeiro, afirma existir uma impressão generalizada nos Estados Unidos, na Europa e no Japão de que, em boa parte, a excessiva dívida do Brasil foi contraída por motivo de corrupção.

Mas, logo no parágrafo seguinte, a própria publicação diz que não é tão simples assim. “Embora, sem dúvida, o dinheiro de alguns empréstimos estrangeiros tenha sido desviado para contas privadas na Suíça (esse dinheiro) é uma porcentagem muito pequena do total (da dívida)”, diz o estudo publicado em forma de livreto e distribuído à imprensa há quatro dias.

Muito mais do que isso, continua, poderia ser atribuído à falta de visão e erro de julgamento. “Nos anos 70, havia uma obsessão com impulso para o desenvolvimento industrial e independência econômica — e quase qualquer projeto que aparentemente contribuía para esses objetivos era considerado viável”, diz a publicação.

A maior parte do dinheiro dos empréstimos foi para três setores: energia, aço e transporte. Segundo o estudo, a partir de 1980, quando a dívida brasileira era de US\$ 60 bilhões, passou a crescer menos por causa de novos projetos do que dos juros pagos sobre os empréstimos já contraídos e dos novos empréstimos que foram tomados, para ajudar o país a servir a dívida externa e financiar seus déficits comerciais.

Escândalos

O estudo diz que um dos grandes desafios para a Nova República é administrar a questão dos numerosos escândalos financeiros que surgiram nos últimos dois anos da administração Figueiredo. Há na comunidade financeira, observa, preocupação com as consequências de uma investigação severa e da tentativa de punir os culpados. Banqueiros, industriais, oficiais militares e tecnocratas — todos envolvidos intimamente com o velho governo — poderiam ir para a cadeia se isso acontecesse. “Poderíamos também ter o equivalente brasileiro da perseguição dos torturadores e assassinos militares na Argentina por Alfonsín”, diz a publicação. “Por outro lado, se o novo governo não fizer nada (ou não fizer o

suficiente) sobre os escândalos, será rotulado de ineficiente e rapidamente perderá credibilidade junto ao público.”

O trabalho da International Reports, Inc. é em grande parte um resumo do que a imprensa brasileira tem publicado. Em algumas áreas poderia ter sido mais cuidadoso. O estudo cita a série “longa e pormenorizada” sobre a rede de empresas estatais publicada sob o título “A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas do Brasil”, no *Jornal da Tarde*.

Na sua conclusão, diz que a Nova República terá uma boa oportunidade de avançar se conseguir superar alguns obstáculos no caminho, principalmente a dívida externa e a “pacificação” política do País. No passado, lembra, o Brasil foi capaz de resolver suas dificuldades econômicas. Um exemplo disso foi a superação da crise energética, afirma, acrescentando que nos próximos dez ou 15 anos o Brasil poderia muito bem tornar-se um exportador líquido de petróleo.

“Há uma real possibilidade de que o problema da dívida externa possa ser resolvido da mesma maneira — por um aumento estrutural, de longo prazo, das exportações. O potencial certamente existe. Mas isso requereria maciços novos investimentos nas indústrias de exportação do País e na agricultura e nos projetos de mineração, como Carajás — e esse dinheiro teria de vir do Exterior.”

“Infelizmente, diz o estudo, há também considerável dúvida sobre se a Nova República — do modo como foi sonhada por Tancredo Neves — jamais alcançará voo. Se não o fizer, mais cedo ou mais tarde, o governo representativo no Brasil simplesmente escorrerá pelo ralo, os militares de novo tomarão o poder e a longa noite de repressão cairá — talvez muito pior do que os 21 anos de governo autoritário razoavelmente moderado (que existiu) de 1964 a 1985.”

Há uma boa possibilidade, afirma, que o novo governo militar, se vier a existir, seja liderado por “ultranacionalistas” de direita do Exército. Esses oficiais de direita (o general Andrada Serpa é citado como um dos mais mansos) encaram os Estados Unidos e a União Soviética e os comunistas com igual suspeição, acredita a publicação, e poderiam fechar o País ao investimento estrangeiro. Mas, neste momento, considera a hipótese remota.